

O portunhol dos *desterrados* de Horacio Quiroga: política e subjetividade na representação literária de uma língua de fronteira

Wilson Alves-Bezerra

Centro de Educação e Ciências Humanas Universidade Federal de São Carlos UFSCar

Rod. Washington Luis, km 235. Caixa Postal 676. São Carlos SP Brasil

wilson_alves@yahoo.com, walves@usp.br

Abstract: *Based on Uruguayan Horacio Quiroga (1978-1937) stories which take place in the forest of Misiones and presents Brazilian and Paraguayan laborers or indians as its main characters, we discuss some productive aspects, both in the scope of the literary theory as well as the linguistic field, concerning to the particular manner which the portunhol dialect is adopted and spoken by the above mentioned characters. In such analysis, two main aspects are considered: (a) the enunciation in the borderland language not as an individual act, but as a political practice (Guimarães, 2002); the conflict would lie on the insertion of Brazilians citizens into the enunciation environment of Misiones, as induced by the portunhol dialect; (b) to delineate the situation of physical and linguistic banishment of an individual, already unable to adopt neither the mother tongue nor the exile language.*

Keywords: *portunhol; Horacio Quiroga; subjectivity; politics.*

Resumo. *A partir dos contos do uruguaio Horacio Quiroga (1878-1937) que têm por espaço a selva de Misiones e por personagens peões brasileiros, paraguaios ou índios, trataremos de alguns aspectos produtivos tanto no âmbito da teoria literária quanto no lingüístico, referentes à maneira como está representado o portunhol falado por estes personagens. Dois são os aspectos centrais da análise: (a) a enunciação na língua de fronteira concebida não como ato individual, mas como prática política (cf. Guimarães, 2002); o embate estaria na inscrição dos brasileiros no espaço de enunciação de Misiones pelo portunhol; (b) a representação da situação do desterro físico e lingüístico de um sujeito, já incapaz de habitar tanto a língua materna quanto a língua do desterro.*

Palavras-chave. *portunhol; Horacio Quiroga; subjetividade; política*

*O homem está sempre a assumir a palavra,
por mais que esta lhe seja negada. (Eduardo Guimarães)*

Para Eliane Mara Silveira, por quem eu vi as fronteiras.

Joao Pedro e Tirafogo são os personagens do conto “Los desterrados” (1925). Dois brasileiros que chegaram jovens a Misiones, província argentina, na fronteira com o Brasil e o Paraguai. Sabemos de sua vida pelos *flash-backs* do narrador, através dos quais

reconstruímos o passado de astúcia de ambos, e pelos quais sabemos que subsistiram por décadas na terra inóspita de Misiones como peões, e que puderam alcançar a velhice na qual então se encontram, *ainda* falando portunhol.

O primeiro ponto que nos conviria seria matizar este *ainda*. Pois aceitá-lo implicaria supor que o aprendizado da língua do país estrangeiro fosse um processo natural dado em decorrência do tempo. Não é esta a visão deste trabalho, cuja leitura proposta indicará que o portunhol falado pelos personagens do conto implica a existência de um embate, que pode ser tomado em pelo menos duas instâncias: a do político e da subjetividade. E que a análise deste conflito pode ser produtiva tanto para uma leitura mais aprofundada do conto, em seu aspecto literário, quanto para pensar questões relativas à imersão do estrangeiro na discursividade de uma outra língua.

Partiremos do conceito de *político* tal como é concebido por Eduardo Guimarães (2002: 16), ou seja, “caracterizado pela contradição de uma normatividade que estabelece (desigualmente) uma divisão do real e a afirmação de pertencimento dos que não estão incluídos. Deste modo o político é um conflito entre uma divisão normativa e desigual do real e uma redivisão pela qual os desiguais afirmam seu pertencimento.”

Ressaltemos, antes de iniciar nossa leitura, que os personagens aqui tratados serão tomados como *falantes*, categoria lingüística e enunciativa tomada de Guimarães (2002: 18), a partir de Ducrot (1984) que prescindir da existência física dos mesmos, pois parte da premissa que a enunciação não é individual ou subjetiva (*op. cit.*, p. 22), e sim fruto de agenciamentos coletivos de enunciação, de caráter político. “Na cena enunciativa 'aquele que fala' ou 'aquele para quem se fala' não são pessoas mas uma configuração do agenciamento enunciativo. São lugares constituídos pelos dizeres e não pessoas donas de seu dizer.” (p. 23. Ver também Guimarães (2002b, p. 12)). Partiremos, num primeiro momento, de posse destes dois conceitos, das falas dos desterrados tal como nos são apresentadas pelos narrador quiroguiano, e as tomaremos como lugares sociais representados pelos personagens, inseridos na representação literária do espaço de enunciação de Misiones, onde convivem o português, o espanhol e o guarani.

Os desterrados do conto de Quiroga carregam consigo a marca da estrangeiridade, do desterro, e da sua condição social. O que difere neles na juventude e na velhice, momentos que têm destaque no conto, é justamente o vigor físico que lhes possibilitara ao longo da vida responder de forma contundente às situações de conflito. Os conflitos nessa terra inóspita são da ordem da subsistência, o inimigo pode ser a natureza, outro peão, ou o patrão.

Trataremos inicialmente da relação com a figura da autoridade, personificada pelo patrão. Ressalte-se que as relações de trabalho de parte a parte amparam-se meramente na palavra; não há instituições ou códigos escritos que regulem esses contratos. E que, não raro, a palavra é negada aos peões. O lugar social no qual se encontram não lhes permite argumentar. As falas do patrão são mostradas no conto sempre na forma de curtos períodos imperativos: “- A vos, negro, por tus motas, te voy a pagar dos pesos y la rapadura. No te olvidés de venir a cobrar a fin de mes.”, “- Tendé la mano, negro, y apretá fuerte.”, “- No te movás, moreno.”, “- Me gusta, macaco. Sujétate entonces bien las motas...”. O locutor-patrão não pede respostas, mesmo porque o alocutário suposto por este não tem importância, oscilando entre o negro em posição servil e o símio. Os termos utilizados no conto são “negro”, “moreno”, “macaco”. Assim, o patrão *misionero*, em seu lugar social, não propõe diálogo, dá ordens.

Desta forma é interessante notar como os *mensú* dos contos de Quiroga, que bem

pouco têm além de sua força de trabalho e de sua astúcia, têm como principal senão única forma de apropriar-se do dizer a força bruta. E, nestes casos, é como se ocupassem o lugar-social do patrão. Tomemos o exemplo do conto “Una bofeada” (1916), em que o peão, para vingar-se, toma o chicote de couro de anta do patrão para surrá-lo à morte. No meio da tortura - chicotadas nas costas, na nuca e na cabeça o peão repete a mesma frase imperativa dirigida ao patrão ensangüentado: “- Caminá.”, fazendo-o ir cambaleando por horas rumo ao rio onde, após abandonar o corpo inerte do patrão, fugiria.

A submissão, na juventude dos desterrados, quando dá-se, mostra-se apenas na aparência ou, dito de outro modo, enquanto é afirmada lexicamente, é negada no plano da sintaxe. Se tomamos o caso dos pronomes tal como aparecem no conto “Un peón” (1918), o peão brasileiro Olivera, ao dirigir-se ao patrão em seu portunhol, oscila entre a polidez do *vosé* e *usted*, porém com todos os verbos conjugados em segunda pessoa. Este lugar de enunciação de não-submissão reflete-se, por exemplo, no modo de trabalhar de Olivera, indisciplinado e desobediente, ainda que bem-humorado e simpático, com o que demonstra não reconhecer superioridade no patrão em momento algum.

Já os peões representados noutros contos, como “Los pescadores de vigas” (1913), apesar de serem índios e não brasileiros, têm procedimento semelhante quanto ao uso dos pronomes: sempre temos o uso do *usted* pronome do caso reto que indica deferência - acompanhado de verbos e formas átonas na segunda pessoa: “- ¿Te costó mucho a usted, patrón?”.

Ressalte-se também que os xingamentos dão-se, entre os peões indígenas, preferencialmente em língua materna, o guarani. E que só são usados diretamente ao patrão quando o mesmo encontra-se em posição de desvantagem: “Gringo de un ãña-membuí!” (“Una bofetada” (1916)). Caso contrário, se dão entre dentes, ou nas conversas privadas dos peões.

Uma característica comum ao conjunto de contos aludido é que tanto por parte dos desterrados brasileiros quanto dos índios, há um manejo bastante peculiar da língua do estrangeiro, pois se as marcas da língua materna permanecem com força, o uso sugestivo das formas pronominais indica a complexidade de sua relação com o falar estrangeiro e o seu trato com ele.

Se a permanência de traços marcantes da língua portuguesa e guarani nos peões denota uma resistência e uma dificuldade no ingresso a esta cultura, é justamente o modo de dizer do patrão o que se manifesta quando os desterrados têm nas mãos o chicote, o facão ou a pistola e o inimigo fragilizado diante de si. Não se trataria então de habitar a língua do outro, mas de invadi-la, trata-se, no limite, de ocupar o lugar do outro quando se ocupa o modo de dizer de sua língua. Por mais que o dizer do patrão estrangeiro cause repulsa e xingamentos resmungados, é este dizer a única via de acesso do desterrado à discursividade castelhana. É quando se conjugam a linguagem imperativa e a violência física. A força de mando é então assumida na língua, no corpo e pelas armas.

Passemos então a como é representada a língua dos desterrados quando estes se tratam entre si. Em “Los desterrados”, é freqüente ver como ao falarem de si próprios, de suas habilidades e de alardearem sua coragem, na fala dos peões Tirafogo e Joao Pedro o que prepondera é o português e, reiteradamente, o uso do pronome reto de primeira pessoa na língua materna: “- Después tivemos um disgusto... E dos dois volvió um solo.”, “-¡Eu nunca estive na policia!”, “-¡Eu gosto mesmo de lidar con elas!”, “- “-¡Eu gosto de poner os yuyos pes arriba ao sol!” [grifos nossos].

Além da alternância na preponderância de formas em português ou espanhol nos

enunciados dos desterrados em diferentes situações, notamos que permanece o embate entre ambas as línguas. Os falantes desterrados já não habitam sua língua materna nem nas situações de intimidade, do mesmo modo que não habitam por completo a língua do estrangeiro senão nos seus caracteres fundamentais. O léxico castelhano que é agregado ao portunhol dos desterrados é o do universo de seu trabalho cotidiano: *yuyos, lidiar*.

O caráter híbrido da língua de fronteira que falam estende-se ao próprio nome pelo qual são designados: Joao Pedro, cujo *a* nasal perdeu-se na pronúncia castelhana e o *til* na grafia no narrador; Tirafofo, cujo nome é uma aglutinação de um termo de cada língua, num compósito que alude diretamente à sua coragem. De toda forma, de Tirafofo não se sabe o nome de batismo, de Joao Pedro perdeu-se não só o *til*, mas também o sobrenome.

Passado o tempo, chegada a velhice, transformada a língua materna e o nome próprio, perdido o vigor físico e com ele o reconhecimento mútuo com a região tal como se dera ao longo da vida, Tirafofo e Joao Pedro já não são os mesmos. Será com a perda da força que, como vimos, era o principal meio para afirmar-se dentro daquela sociedade, que Misiones transforma-se em terra estranha: “Ahora el país era distinto, nuevo, extraño y difícil. Y ellos, Tirafofo y Joao Pedro, estaban ya muy viejos para reconocerse en él.”

Findo este reconhecimento, e contando os desterrados com pelo menos oitenta anos de idade cada, mais uma vez na língua destes personagens podemos notar algumas peculiaridades que são indícios de uma transformação. Joao Pedro agora cumprimenta a quem quer que seja, “quitándose humildemente el sombrero ante cualquiera”, com um “Bon día, patrón”. Depois de anos de lutas e bravatas, a submissão insistentemente imposta pelos sucessivos patrões é finalmente assumida: Qualquer um é o patrão, qualquer um é o *usted*. A cortesia daquele que já perdeu sua força, e se conforma com um terreno emprestado e seu trabalho de Sísifo, certamente desonroso para quem já pôde resolver seus conflitos à faca. Seu ocaso nos é assim descrito pelo narrador: “Todas las primaveras sembraba un poco de arroz que todos los veranos perdía -, y las cuatro mandiocas indispensables para subsistir, y cuyo cuidado le llevaba todo el año, arrastrando las piernas.”

Joao Pedro e Tirafofo passam agora a ver-se com freqüência. Solidariedade estranha, para aquele Joao Pedro que ao entrar no país tantos anos atrás, como chefe de um exército de oito ou dez sobreviventes, simplesmente se separa de seus homens: “Sin motivo de unión ya, los hombres debandaron.”

Será então na velhice que, na falta de um lugar na realidade presente, os dois desterrados passam a compartilhar as lembranças da infância na terra natal. Diferentemente do que foi na juventude, os dois tratam-se agora com deferência, “Seu Joao Pedro” e “Seu Tirá”, o que, outra vez, demonstra na superfície lingüística uma transformação no modo de relacionar-se com o meio, não somente pela chegada da velhice, que implica no seu caso fragilidade, mas também pela ausência de um lugar social através do qual possam se afirmar.

A fragilidade, a velhice e a impossibilidade de defender-se implicam o abrigo na infância, que coincide com o país natal, identificação entre ambos. Não se trata do país geograficamente vizinho, mas de um país recordado, desejado ou, como diz Kristeva (1994:17-8), “O paraíso perdido é uma miragem do passado que jamais poderá ser reencontrada. (...) ele [o estrangeiro] jamais está simplesmente dividido entre aqui e alhures, agora e antes. (...) Sempre em outro lugar, o estrangeiro não é de parte alguma”.

Neste novo quadro, experimentando o desarraigo, agrega-se à linguagem de ambos uma inflexão saudosista e infantilizada, marcada pelo excesso de orações terminadas em

reticências, diminutivos e pela definitiva assunção, no discurso, do seu lugar de velhos: “ - A mamae do velho Tirafogo...”, “- O mate do papae cayóse uma vez de mim...”, “...eu vía na ceniza a casinha...”. Note-se que, mesmo estando no auge das lembranças infantis, não é propriamente português o que falam os personagens. A fala de ambos vê-se entrecortada por algo da sintaxe castelhana, como em “cayóse”, “habíamos na casa dois vacas”, “Agora mesmo eu tenía pensado proponer a você...”. A infância não pode ser revisitada impunemente, eles não são os mesmos, enunciam-se do seu entremeio lingüístico, habitados pelo espanhol tantas vezes rechaçado. Mas indo à infância tampouco são somente os velhos estrangeiros, pois é também o léxico infantil e a afetividade dos diminutivos que os virão constituir em seu entremeio.

A conseqüência das lembranças é a decisão, tomada de comum acordo entre ambos, de retornar ao país da infância. É o caminho que eles tomam. “Y no hubo en cruzado alguno mayor fe y entusiasmo que los de aquellos dos desterrados casi caducos, en viaje hacia su tierra natal.” Mas como já dissemos, o que buscam é o paraíso perdido, mais do que um local de existência concreta. Trata-se mais de um deslocamento subjetivo do que físico. Os lugares aqui já não são políticos, mas subjetivos.

Mas tal deslocamento subjetivo é suscitado justamente pelo percurso das trilhas da fronteira entre Argentina e Brasil, Misiones e Paraná. Os desterrados vão pelo trajeto inverso do caminho do desterro, em busca do seu lugar natal, não da sua terra prometida, mas da sua terra recordada. A travessia, sugestivamente, termina no alto de um monte da serra de Misiones, onde podem ver as araucárias brasileiras. Precisamente aí, tendo as duas terras ao alcance da vista, é que Joao Pedro e Tirafogo, já não sabemos de que lado do seu porto de passagem, encontram o atalho ao caminho de casa pela via do delírio, que compensa no desejo da volta a fraqueza das pernas. “-¡ Ya cheguei, mamae... O Joao Pedro tinha razón... ¡ Vou com ele!...”

Tirafogo e Joao Pedro morrem na passagem, num entre-lugar tanto físico quanto lingüístico. A língua portanto, nesta perspectiva, mostra-se como o lugar do conflito político, mas também como lugar da subjetividade. Pois, se por um lado procuramos mostrar como o uso peculiar da língua do estrangeiro tem implicações políticas, a transformação da língua materna por parte dos personagens, por outro, apóia a afirmação de Charles Melman (1992:16) de que “o inconsciente não cria nenhum obstáculo à mixagem das línguas. Pode reter em seu seio palavras, locuções, fragmentos inteiros de discursos tomados de um língua da infância que em seguida tornou-se estrangeira. O inconsciente não é nacionalista nem xenófobo.” Vemos também que mesmo com a resistência que os desterrados apresentam em relação à língua dos patrões, o espanhol, isso não os torna impermeáveis a ela. E o lugar, tanto social como subjetivo, através do qual se enunciam na sua velhice, é inequivocamente marcado por esta mesma língua.

Propomos, finalmente, que um aprofundamento em questões relativas à subjetividade na enunciação literária aqui tão somente sugeridas - pode ser empreendido e pode trazer resultados importantes não só para pensar no funcionamento da língua de modo geral mas também trazer elementos de interesse especificamente para seu funcionamento literário.

Referências bibliográficas

CELADA, María Teresa. *O espanhol para o brasileiro. Uma língua singularmente estrangeira*. Tese de doutorado. Campinas: UNICAMP, 2002.

- GUIMARÃES, Eduardo. *Semântica do Acontecimento*. Campinas: Pontes, 2002.
- _____. *Texto e argumentação. Um estudo de conjunções do Português*. Campinas: Pontes, 2002b, 3ª ed.
- KRISTEVA, Julia. *Estrangeiros para nós mesmos*. (Trad. Maria Carlota Carvalho Gomes). Rio de Janeiro: Rocco, 1994. (1998)
- MELMAN, Charles. *Imigrantes. Incidências subjetivas das mudanças de língua e país*. (Trad. Rosane Pereira). São Paulo: Escuta, 1992.
- QUIROGA, Horacio. *Todos los cuentos*. São Paulo: Allca XX/Edusp, 1996.
- REVUZ, Christine. “A língua estrangeira entre o desejo de um outro lugar e o risco do exílio”. In SIGNORINI, Inês. *Língua(gem) e identidade*. Campinas: Fapesp; FAEP/UNICAMP; Mercado de Letras, 1998.